

Histórias negadas e memórias esquecidas das heroínas de Tejucupapo.

Marciano Antonio Silva y Allene Carvalho Lage.

Cita:

Marciano Antonio Silva y Allene Carvalho Lage (2017). *Histórias negadas e memórias esquecidas das heroínas de Tejucupapo*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/2036>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

HISTÓRIAS NEGADAS E MEMÓRIAS ESQUECIDAS DAS HEROÍNAS DE TEJUCUPAPO

Marciano Antonio da Silva

marcianoufpe@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco/Campus Agreste

Brasil

Allene Carvalho Lage

allenelage@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pernambuco/Campus Agreste

Brasil

RESUMO

O presente artigo se propõe a discutir o processo de (in)visibilização feminina nos registros históricos, compreendendo que as mulheres participaram ativamente do movimento de luta e resistência no curso da história, no entanto, suas narrativas foram ocultadas. Desse modo, tomamos como objetivo geral do nosso estudo compreender os elementos que permeiam o processo de (in)visibilização das mulheres nos registros históricos sobre as lutas sociais. Entendemos que o silenciamento da luta feminina evidencia uma categoria que tem sua historicidade (in)visibilizada e subalternizada do imaginário social, sendo condicionadas a um processo de esquecimento e exclusão, que corroborou para a ausência dos registros de suas lutas, suas conquistas, enfim, seus feitos, em nome de uma matriz que historicamente possibilitou apenas aos homens, brancos, heterossexuais e nobres um lugar privilegiado, não só na história, como e principalmente na narrativa do historiador, onde o lugar de herói, de patriota, se firma no gênero masculino. Nesse sentido, partimos da análise do episódio protagonizado pelas mulheres de Tejucupapo no estado de Pernambuco, Brasil, em meados do século XVII, tendo em vista que as mesmas tiveram uma participação direta e decisiva na luta contra os holandeses na antiga povoação de São Lourenço de Tejucupapo, a qual atualmente é um distrito pertencente ao município de Goiana-PE. Dessa maneira, foram protagonistas, resistentes e fortes, rompendo com todos os estereótipos que colocam a mulher num patamar de fragilidade, de-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

licadeza, passividade e sensibilidade. Porém, sua participação no movimento de luta tem sido ocultada nos livros de história, inclusive no estado de Pernambuco, Brasil, onde as heroínas de Tejucupapo vem sendo esquecidas, apesar do seu protagonismo no trajeto histórico da luta contra a invasão holandesa. Sob este viés, tomamos o quadro teórico da Sociologia das Ausências desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos (2003; 2002) para explicar o processo de invisibilização das Heroínas de Tejucupapo. Nossas considerações apontam que o processo de (in)visibilização sofrido pelas mulheres nos registros históricos, como no caso de Tejucupapo, resulta de uma negação de base colonial, patriarcal e sexista, a qual no decorrer da história condicionou o silenciamento e os lugares subalternos para as histórias de mulheres que protagonizaram lutas em defesas sociais.

ABSTRACT

The present article proposes to discuss the process of female invisibilization in historical records, understanding that women actively participated in the movement of struggle and resistance in the course of history, however, their narratives were hidden. In this way, we have as a general objective of our study to understand the elements that permeate the process of invisibilization of women in the historical records on social struggles. We understand that the silencing of women's struggle reveals a category that has its historicity invisible and subalternized from the social imaginary, being conditioned to a process of forgetting and exclusion, which corroborated the absence of the records of their struggles, their achievements, in the name of a matrix that historically allowed only men, whites, heterosexuals and nobles a privileged place, not only in history, but especially in the narrative of the historian, where the place of hero, patriot, stands in the male gender. In this sense, we start from the analysis of the episode carried out by the Tejucupapo's women in the state of Pernambuco, Brazil, in the middle of the seventeenth century, considering that they had a direct and decisive participation in the struggle against the Dutch in the old settlement of São Lourenço de Tejucupapo, which is currently a district belonging to the Goiana's city, in Pernambuco. In this way, they were protagonists, resistant and strong, breaking with all the stereotypes that put the woman in a level of fragility, delicacy, passivity and sensitivity. However, their participation in the fighting movement has been hidden in history books, including in the state of Pernambuco, Brazil,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

where Tejucupapo's heroines have been forgotten, despite their prominence in the historical course of the struggle against the Dutch invasion. Under this bias, we take the theoretical framework of the Sociology of Absences developed by Boaventura de Sousa Santos (2003, 2002) to explain the process of invisibility of the Heroines of Tejucupapo. Our considerations point out that the process of invisibilization suffered by women in historical records, as in the case of Tejucupapo, results from a denial of colonial, patriarchal and sexist basis, which in the course of history conditioned the silencing and subaltern places for the histories of women who have fought in social defenses.

Palavras chave

História. Mulheres. (In)visibilização. Tejucupapo

Keywords

Story. Women. Evaluation.

I. Introdução

Ao analisarmos o percurso histórico da formação da nossa sociedade ocidental, percebemos que a mesma foi constituída a partir de uma construção colonial, patriarcal e sexista, a qual no decorrer do processo histórico subalternizou, oprimiu e silenciou os sujeitos que não se enquadravam num modelo dominante imposto. Para tanto, mulheres, negros/as, indígenas e mais recentemente LGBT's¹, foram submetidos à exclusão na história por não pertencerem à uma cultura dominante que impôs padrões e papéis para os diferentes sujeitos subordinados a grupos dominantes da sociedade. Neste trabalho, deteremos nosso olhar para às mulheres, entendendo que elas foram consideradas ao longo da história como “[...] uma variação humana, inferior e incapaz de ocupar esse lugar, devendo ser representada por este homem” (SILVA, 2008, p.135).

Neste sentido, (re)conhecer o processo histórico da participação das mulheres na sociedade é romper com as invisibilidades históricas e afirmar o direito que lhes foi negado, assim como as

¹ Considerando que a identidade LGBT da forma que conhecem somente a partir dos anos de 1960 se torna visível, apesar de desde sempre ela existir.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

narrativas que lhes foram roubadas. Desse modo, é preciso compreender que não “[...] se trata de constituir um novo território que será a história das mulheres, tranquila concessão onde elas poderão se lamentar à vontade ao abrigo de toda contradição, mas de mudar o olhar, a direção do olhar histórico, colocando a questão da relação entre os sexos como central” (LOPES, 1990, p.26). Trata-se de uma justiça social, onde “[...] é preciso partir do sonho concreto dos oprimidos, excluídos e subalternizados para os direitos de cidadania e a partir da consciência destes, a capacidade de mudança seja uma realidade” (LAGE, 2013, p.17), de tal maneira que se possa (re)conhecer a contribuição desses sujeitos na formação da sociedade, enquanto agentes de transformação, na medida em que participaram ativamente no processo de luta e resistência no curso da história.

Nesta perspectiva, destacamos que diversas mulheres brasileiras protagonizaram significativos momentos da nossa história, seja resistindo à cultura patriarcal imposta, seja no processo de busca por direitos e por uma justiça social. Para efeito, em meio as tantas mulheres que realizaram grandes feitos no Brasil, destacamos Dandara (Séc. XVII), Clara Camarão (Séc. XVII), Nísia Floresta (1810-1885), Ana Garibaldi (1821-1849), Olga Benário (1908-1942) que foram invisibilizadas pelas narrativas masculinas da história e de suas estruturas de poder que negam os registros de seus feitos. A partir de então, percebemos que a história que se faz presente encontra-se estritamente arraigada dentro da perspectiva colonial, pois como afirma Silva (2008) é uma

[...] ciência masculina, androcêntrica, branca, ocidental e localizada nas classes mais abastadas da sociedade moderna, que se auto-institui com supremacia sobre todos os outros saberes, passando a se expressar, imediatamente, na linguagem e nas abordagens teórico-metodológicas, decidindo o que conhecer, para que conhecer e quem pode conhecer (SILVA, 2008, p.135).

Partindo dessa premissa, entendemos que tratamos de uma história que possui gênero, raça e classe social, a qual é (re)contada a partir de um jogo de interesses pertencente às hegemonias que classificam e estereotipam os sujeitos que não se encontram dentro de um padrão dominante. Silva (2008) sinaliza que “[...] historicamente, a formação dos indivíduos tem sido assentada e assegurada sob as bases patriarcal e androcêntrica, as mesmas bases ideológicas que respaldaram o nascimento e o desenvolvimento das ciências modernas” (SILVA, 2008, 138).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Dentro desse momento de invisibilização histórica produzida socialmente, trazemos a história das mulheres de Tejucupapo, as quais em meados do século XVII tiveram uma participação direta e decisiva no processo de luta contra os holandeses na antiga povoação de São Lourenço de Tejucupapo, a qual atualmente é um distrito pertencente ao município de Goiana-Pernambuco-Brasil. Entretanto, sua participação no processo de luta tem sido ocultada nos livros de história, inclusive em Pernambuco-Brasil, onde as heroínas de Tejucupapo vem sendo esquecidas, apesar do seu protagonismo no trajeto histórico da luta contra os holandeses no Brasil.

II. Marco teórico/marco conceptual

i. (Re)contando aquilo que a história negou: A luta, resistência e o protagonismo das heroínas de Tejucupapo

Em meados do século XVII o Brasil era palco de grandes conflitos, sendo estes marcados pelas diversas lutas que eram travadas e decorriam de um processo em busca de riquezas e dominação. No decorrer desse processo, Pernambuco ganhava destaque, tendo em vista que se tratava do mais rico produtor de açúcar, passando a ser alvo de grandes disputas, principalmente das invasões holandesas. Brandão (2004) descreve que no processo de “[...] dominação holandesa, no Nordeste, em particular, Pernambuco, houve poucos períodos de plena estabilidade. Uma atmosfera de guerra fixou-se na região desde o desembarque dos flamengos, na costa de Pernambuco, em meados de fevereiro de 1630” (BRANDÃO, 2014, p.21). De acordo com o autor, houve forte resistência dos luso-brasileiros com a chegada dos holandeses, no entanto, estes logo se retiraram devido a inferioridade numérica. Contudo, o mesmo destaca que “[...] a luta não cessou. Fragmentados e inferiorizados militarmente, os luso-brasileiros recorreram à guerrilha, à espionagem, à sabotagem, às táticas de luta que surpreendessem o inimigo” (BRANDÃO, 2004, p.22).

Mediante esse processo, tem início um conjunto de acontecimentos, marcados principalmente pela chegada do governo de Maurício de Nassau em 23 de janeiro de 1637, como a queda do arraial, o processo de endividamento dos senhores de engenho de Pernambuco que contraíram grandes dívidas com a Companhia das Índias Ocidentais e aos judeus que viviam no Recife, conforme relata Brandão (2004). A partir de então, Maurício de Nassau retorna à Europa, com isso muitos dos



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

senhores de engenho fogem para Bahia, enquanto outros para o interior sem realizar a quitação das dívidas com os holandeses. Posteriormente em 1645, inicia um período que fica conhecido como “Insurreição Pernambucana”, o qual Mello (2001) destaca

[...] foi preparada por senhores de engenho na sua maior parte devedores a flamengos, ou a judeus da cidade. Foi nitidamente um levante de elementos rurais, no qual tomaram parte negros escravos, lavradores, pequenos proprietários de roças, contratadores do corte de pau-brasil e outros (MELLO, 2001, p.173).

Nesse contexto da Insurreição Pernambucana (1645), os holandeses são derrotados na Batalha do Monte das Tabocas e na Batalha da Casa Forte. Com isso, os mesmos se depararam num momento onde veem-se sem poder, sem alimentos, passando a encontrar diversas dificuldades. Santiago (1984) destaca através de seus escritos, que no decorrer desse processo

Os holandeses que estavam na Ilha de Itamaracá, vendo-se apertados da grandíssima fome que padeciam, porque lhes não vinha provimento do Recife, onde apenas o havia para os que nele estavam, sendo entre o princípio de maio e fim de abril de 1646, determinaram fazer uma saída fora da ilha e dar de repente na povoação de S. Lourenço do Tejucupapo, aonde sabiam que em seu distrito havia roçarias de mandioca em muita quantidade, por ser a terra fértil e abundante delas, e muitos legumes e frutas de espinhos; e matando os moradores desta povoação [...], e ficando senhores absolutos daquela terra, pudessem à sua vontade tirar grande quantidade de mantimentos para se sustentar em algum tempo (SANTIAGO, 1984, p.391).

Os registros históricos datam três ataques dos holandeses à comunidade de Tejucupapo, os quais representam diferentes momentos de luta. O primeiro ataque é descrito por Mario Melo *apud* Brandão (2004, p.38) onde o mesmo relata o ataque realizado em 1646

[...] saíram da ilha (Itamaracá) oitenta holandeses com o desígnio de abastecer-se de mandioca nas roças de Tejucupapo. Feito o desembarque, começaram a pilhagem quando os atalhou Zenóbio Chiole, cabo de milícias daquele distrito, que com trinta soldados, conhecedores do terreno, os fez recuar, deixando no campo trinta mortos e conduzindo vinte feridos sem nenhum proveito (MELO *apud* BRANDÃO, 2004, p.38).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Devido ao insucesso do primeiro ataque e a fome que ainda padecia sobre os holandeses, os mesmos decidiram realizar uma nova investida, onde conseguem obter êxito nesse segundo momento. Dessa forma, ao chegarem novamente a comunidade de Tejucupapo “[...] encontraram alguns moradores arrancando mandioca para fazer farinha, que, em número reduzido e sem proteção das milícias pernambucas, fugiram. Os holandeses recolheram mais de 20 mil covas de mandioca, além de limões e laranjas, e voltaram a Itamaracá [...]” (BRANDÃO, 2004, p.38). Santiago (1984, p.394) relata nesse processo a participação de mulheres, dentre as quais uma “[...] com uma imagem de Cristo nas mãos andava animando aos nossos quando pelejavam, com razões tão eficazes, como se fora um mui destro pregador; outras mulheres acudiram com morrão, pólvoras e balas e água, com muito ânimo aos que pelejavam [...]”, porém, a participação efetiva na luta só vem ocorrer no terceiro ataque.

Segundo Brandão (2004), sabendo da possibilidade de um novo ataque ser realizado, tendo em vista que os flamengos ainda encontravam serias dificuldades, os moradores de Tejucupapo construíram um reduto para defesa, um cercado de pau-a-pique. No entanto, ao realizarem o terceiro ataque os holandeses conseguiram romper com a proteção e adentrar a comunidade de Tejucupapo, passando a avançar sob os inimigos. Brandão (2004) destaca que nesse momento uma mulher, “[...] de um lugar destacado, levanta em uma das mãos, um crucifixo e, na outra, uma espada estimulando as demais a entrarem na luta” (BRANDÃO, 2004, p.31). Diante das circunstâncias descritas, Santiago (1984) relata que

[...] aquelas valorosas mulheres, com varonil ânimo, vendo o perigo que corria sua honra e vida, e de seus maridos e filhos, tirando força de fraqueza, acudiram àquela parte aonde tinha aberto o pontilho, com dardos, chuços e paus tostados, e outras armas, e defenderam e impediram a entrada, e todas a um tempo chamaram pelo Santos Mártires Cosme e Damião, que as socorrem em tão estreita necessidade. Caso milagroso! que, tanto que invocaram o Santos Mártires, deram os nossos trinta mancebos uma surriada no inimigo por um lado com suas espingardas, o qual suspeitando que aos cercados lhes vinha socorro, desistiu da empresa, e, apesar da sua soberba, se retirou fugindo [...] (SANTIAGO, 1984, p.394).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Dessa forma, as mulheres de Tejucupapo foram decisivas no processo de expulsão dos holandeses, onde foram protagonistas, resistentes e fortes, rompendo com todos os estereótipos que colocam a mulher num patamar de frágil, delicada e sensível. No entanto, ao olharmos para esse episódio histórico, percebemos que a literatura simplesmente nega a história das mulheres que viveram na pequena comunidade de São Lourenço do Tejucupapo no século XVII. Decorrente dos escassos registros, poucos sabem quem foram estas mulheres e qual sua participação na história de Pernambuco, deixando assim que estas caíssem no esquecimento, e deste modo fossem (in)visibilizadas e sua história seja negada. Para Rago (1995) “[...] a história não narra o passado, mas constrói um discurso sobre este, trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade daquele que recorta e narra, à sua maneira, a matéria da história” (RAGO, 1995, p.81). Assim, percebemos que a história tem sido (re)contada sob uma lógica que impulsiona determinados sujeitos e exclui outros, reforçando o protagonismo masculino como agentes heroicos naturalizados.

ii. Por que a história das heroínas de Tejucupapo foi (in)visibilizada?

Ao tentarmos responder à pergunta em questão, percebemos que as heroínas de Tejucupapo representam uma parcela de silenciamento como tantos outros sujeitos subalternizados na história dos feitos gravados nos registros históricos. Dentre estes sujeitos, as mulheres se destacam enquanto uma categoria que tem sua historicidade (in)visibilizada, subalternizada do imaginário social, sendo condicionadas a um processo de esquecimento e exclusão, que evidenciou a ausência dos registros de suas lutas, suas conquistas, enfim, seus feitos. Em nome de uma matriz que historicamente possibilitou apenas aos homens, brancos, heterossexuais e nobres um lugar privilegiado, não só na história, como e principalmente na narrativa do historiador, onde o lugar de herói, de patriota, se firma no gênero masculino. A história das heroínas de Tejucupapo se configura como mais um, entre tantos episódios que a história se encarregou de (in)visibilizar.

Para tanto, é preciso perceber que esse mecanismo de regulação social vem condicionando lugares, subalternidades e sujeitos marginais, visto que se trata de espaços sem prestígio social, que se encontram à margem da sociedade e dos direitos sociais. Para compreendermos esse processo de



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

(in)visibilização que perpassa o campo dos acontecimentos históricos, nos apoiamos no posicionamento de Michelet apresentado em Lopes (1990), pois de acordo com essa autora, o

[...] território do historiador permaneceu longo tempo exclusivo de um sexo, paisagem enquadrada sobre os lugares onde se exerce o poder dos homens e seus conflitos, expulsando para fora dos seus limites os lugares das mulheres (...) Quantas resistências ainda a vencer para reconhecer que a história é sexualizada... (MICHELET *apud* LOPES, 1990, p.24)

Tomando como ponto de partida a concepção apresentada por Michelet (1990), percebemos que a história difundida nos livros, inclusive nos escolares não demonstra imparcialidade, mas reforça a sobreposição de uma cultura dominante em detrimento de outra que foi condicionada à percepção da inferioridade. Para tanto, entender todo esse processo, faz-se fundamental um olhar atento e reflexivo para as construções sociais que foram sendo alimentadas no decorrer da história. Assim, é preciso compreender que no decorrer do processo de dominação que destinou as mulheres lugares inferiores, as ciências têm representado um mecanismo que contribuiu significativamente para tal condição, tendo em vista que esta definiu os espaços acadêmicos credíveis de produção de conhecimento, e os donos das narrativas históricas, cristalizando assim diferentes modos de conhecer o mundo e se (re)conhecer nesse, conforme destaca Harding (1996)

Si considerásemos la ciencia como una actividad plenamente social, empearíamos a comprender las múltiples formas en las que, también ella, se estructura, de acuerdo con las expresiones de género. Todo lo que media entre nosotros y ese proyecto son las teorías del género inadecuadas, los dogmas del empirismo y una importante proporción de lucha política (HARDING, 1996, p.57).

Dessa maneira, podemos afirmar que a ciência está ancorada no androcentrismo que põe o homem, sujeito dominante, ao centro do universo, enquanto situa as mulheres e seus feitos históricos e saberes nos lugares de subordinação ou periferia. Em meio esse processo de invisibilização e silenciamento da mulher, percebemos que o sistema patriarcal se constitui a partir de uma lógica perversa, onde para além do sistema de opressão o mesmo também procura (re)afirmar o por quê dessa negação, passando a justificar o lugar subalterno que as mulheres ocupam. É preciso perceber



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que o campo das diferentes ciências propaga essa lógica ao reproduzir as narrativas que põe apenas a figura do homem como sendo o dominante, o herói, o forte.

Sendo assim, percebemos que o processo de (in)visibilização representa um sistema de colonização do sujeito, podendo ser compreendido enquanto uma condição de marginalização, subalternização e silenciamento imposta durante o processo histórico, na perspectiva de atender os interesses. Assim sendo, entendemos que as heroínas de Tejucupapo foram vítimas desse sistema que as invisibilizou ao longo da história.

III. Metodologia

Para compreendermos o processo de (in)visibilização e exclusão das heroínas de Tejucupapo, faremos uso do quadro teórico da Sociologia da Ausência desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos (2003; 2002). O autor sinaliza que os sujeitos que se encontram ausentes no processo histórico, são resultado de um constructo, no qual os mesmos foram pensados para não existir. Nesse sentido, podemos pensar a Sociologia da Ausência enquanto “[...] um procedimento transgressivo, uma sociologia insurgente para tentar mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não-existente, como uma alternativa não-credível, como uma alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo” (SANTOS, 2007, pp. 28-29).

Nesta perspectiva, essa categoria analítica aponta que as ciências têm corroborado com o processo que coloca as mulheres como sujeitos (in)visíveis, ausentes, sendo pensados mecanismos e estratégias para que as mesmas não viessem existir historicamente. Assim sendo, entendemos que a história das heroínas de Tejucupapo que se encontra ausente nos registros, foi pensada para a ausência, para não existência, visto que se trata de uma lógica considerada pelo modelo patriarcal como sendo inferior. A partir de então, os mecanismos presentes nesse processo se configuram como sendo de ordem colonial, pois atuam numa relação de poder e dominação sob o outro, aquele considerado diferente. Nessa direção, Santos (2003) esclarece que a sociologia da ausência

[...] visa identificar o âmbito dessa subtração e dessa contracção de modo a que as experiências produzidas como ausentes sejam libertadas dessas relações de produção e, por essa via, se tornem presentes. Tornar-se presentes significa serem consideradas alternativas às experiências hegemônicas, a sua



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

credibilidade poder ser discutida e argumentada e as suas relações com experiências hegemônicas poderem ser objecto de disputa política (SANTOS, 2003, p.746).

Mediante as considerações destacadas por Santos (2003), entendemos que é fundamental romper com os mecanismos de legitimação dessas desigualdades, evidenciando um processo de emancipação do sujeito, na medida em que este tenha voz e vez para participar dos espaços de decisões. A sociologia da ausência propõe uma abordagem teórica libertadora, trazendo aquele que sempre esteve à margem e libertando-o da opressão e do silêncio da ciência. Sob essa perspectiva, o autor destaca que “[...] não é simplesmente de um conhecimento novo que precisamos; o que precisamos é de um novo modo de produção de conhecimento” (SANTOS, 2007, p.20). O que Santos propõe é pensar a construção do conhecimento a partir de outro ponto de vista, dos sujeitos silenciados.

Para tanto, entendemos que se faz necessário colocar em evidencia aqueles que estão à margem da sociedade, aqueles que foram invisibilizados, para que assim não venhamos corroborar com um sistema que legitima e perpassa as diversas exclusões. Seguindo esse pensamento, é fundamental nesse processo “[...] inverter essa situação - por meio da Sociologia das Ausências -, temos de fazer que o que está ausente esteja presente, que as experiências que já existem mas são invisíveis e não-críveis estejam disponíveis; ou seja, transformar os objetos ausentes em objetos presentes” (SANTOS, 2007, p.32).

Pensar o caso das heroínas de Tejucupapo a partir da categoria da ausência é perceber o quanto seu percurso histórico é condicionado para não existir, pois “[...] muito do que não existe em nossa realidade é produzido ativamente como não-existente, e por isso a armadilha maior para nós é reduzir a realidade ao que existe” (SANTOS, 2007, p.28), assim, não podemos nos limitar apenas aquilo imbricado nos registros, mas ir para além desses, é na procura de ouvir as vozes silenciadas, e feitos negados. Entendendo que ao contrário do que apregoa na história oficial, muitas mulheres protagonizaram a luta por direitos de cidadania, por emancipação. Sendo assim, o que nos é (re)contado trata-se apenas de uma parte da história, ou melhor, uma parte da história dos homens, uma história colonial.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Silva (2015) discursa que a “[...] participação feminina na luta de resistência à invasão holandesa na povoação conferiu às mulheres de Tejucupapo, ao longo da história, o título de ‘heroínas’”, entretanto o mesmo logo em seguida destaca que são “[...] escassos os registros históricos sobre o episódio”, o que contribui para que sua história seja invisibilizada (SILVA, 2015, p.132).

IV. Análise e discussão de dados

Ao analisarmos o caso das heroínas de Tejucupapo percebemos que sua história sofreu um processo de negação, por se tratarem principalmente de sujeitos outros, de mulheres que historicamente foram excluídas socialmente, pois a lógica patriarcal colonizou seus saberes, seus corpos, colocando-as num processo de marginalização. Para tanto, quando retrata esses sujeitos, tal lógica os/as mostra por meio de um modelo estereotipado, dando destaques à trechos onde estas se encontram numa condição de subalternidade. Sob esta perspectiva Gargallo (2007) pontua que

Los géneros son construcciones sociales que, con base en los genitales de un cuerpo humano, transforman ese cuerpo en sexuado (eso es, destinado a la reproducción) y asignado a un sistema jerárquico que inferioriza lo femenino y descarta cualquiera opción que no sea el reconocimiento de ser hombre o mujer (asignación forzada de un género a toda intersexualidad, y desnaturalización de la misma) (GARGALLO, 2007, p.6).

Quando colocamos em pauta a (in)visibilização das heroínas de Tejucupapo compreendemos que sua negação dar-se a partir de uma construção social que condicionou as mulheres à uma matriz inferior. Diversos são os elementos que tentam justificar esse local de subalternidade, os quais podem ser percebidos na descrição do episódio entre os holandeses e a comunidade de Tejucupapo, visto que as mulheres são destacadas como sendo sensíveis e facilmente dominadas pelo psicológico, como afirma Santiago (1984) no seguinte trecho “[...] e puseram pragmática às mulheres que dentro estavam, que eram muitas, que nenhuma chorasse ou se lamentasse na ocasião da guerra, sob pena de matarem aquela que assim o fizesse;” (SANTIAGO, 1984, p.392). Assim, em meio à análise da fala percebemos dois elementos característicos do sexismo na narrativa, primeiro a ideia de uma mulher frágil, sensível, bem como a utilização de mecanismo de violência que viesse punir aquelas que se negassem a aceitar, ou mesmo não obedecessem às ordens do macho em questão.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Considerando tais acepções, percebemos que o patriarcado se configura como sendo um sistema presente nos diversos espaços, sob diferentes formas, no entanto, seu ideal é o mesmo, subordinar a mulher aos ideais masculinos. Para tanto, passa a atribuir papéis específicos às mulheres, conforme os artifícios que venham ser satisfatórios para atender essa lógica. Curiel (2009) ao tratar do feminismo na América Latina retrata que o mesmo é “[...] *un historia que ha sido invisibilizada a través de los tiempos, invisibilización que ha estado ligada a procesos de colonización y colonialidad histórica, que ha traspasado tanto las teorías como las prácticas políticas*” (CURIEL, 2009, p.1). A partir das considerações de Curiel (2009) percebemos que as heroínas de Tejucupapo foram vítimas de um processo de colonização, no qual o sistema patriarcal exerceu um domínio sobre estes sujeitos, desencadeando uma série de mecanismos desiguais.

Nesse movimento, buscamos a partir do diálogo entre os registros históricos que (re)montam a história das heroínas de Tejucupapo responder nossos questionamentos. Para tanto, partimos de Gargallo (2007) quando a mesma questiona as condições de ser mulher existentes antes do processo colonizador

[...] no hay continuidad cultural posible entre el antes y después de la masacre, si tomamos en consideración que una cultura es siempre un conjunto fáctico de ideas dominantes y resistentes, de habilidades y conocimientos, que son patrimonio de un conjunto de personas, de un pueblo, porque pocos individuos no pueden contenerla, abarcarla y recordarla toda. ¿Cuántas condiciones del ser mujeres existían antes de la invasión y la masacre europea y cuántas condiciones quedaron para las mujeres después de su incorporación forzada y sometida al mundo occidental? (GARGALLO, 2007, p.8).

Neste sentido, percebemos que cada sociedade conforme sua cultura possuía uma compreensão sobre ser mulher. No entanto, numa imensa maioria das culturas as mulheres sempre foram objeto de inferiorização e suas histórias invisibilizadas. Poucos são os feitos históricos protagonizados pelas mulheres que as narrativas históricas apontam. Brandão (2004) descreve as mulheres de Tejucupapo como sendo “[...] donas de casa, agricultoras, gente mestiça, negras e índias [...]” (BRANDÃO, 2004, p.33), para tanto, não se enquadravam num modelo hegemônico de mulher. Entretanto,

Bezerra (2004) considera que as mulheres de Tejucupapo foram verdadeiras guerreiras e o episódio vivido pelas mesmas trata-se de um importante

[...] episódio histórico do Brasil holandês do século XVII, em que as mulheres de uma pequena comunidade do litoral norte de Pernambuco ajudaram a expulsar de maneira inusitada com paus, pedras, chuços e água quente com pimenta, um grupo faminto e bem armado de soldados holandeses que pretendiam pilhar pela terceira vez as plantações do local (BEZERRA, 2004, p.7).

Entretanto, a história encarregou-se de narrar apenas os episódios onde estiveram presentes sujeitos centrais, homens, burgueses, reis, príncipes, enfim, coube a esse espaço apenas sujeitos masculinos. Entretanto, é preciso atentar que a história foi responsável também pela subalternização do diferente, reduzindo-os através de um sistema de dominação. Neste sentido, Rago (1995) considera que o “[...] discurso sobre temas clássicos como a abolição da escravidão, a imigração europeia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, evocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de merecerem uma maior atenção” (RAGO, 1995, p.81). Diante dessas evidências, compreendemos que as mulheres de Tejucupapo foram omitidas pela história, sendo negada sua participação no processo de luta contra os holandeses.

V. Conclusão

Partindo da reflexão realizada em torno do caso das heroínas de Tejucupapo, entendemos que este exercício epistemológico de visibilizar e registrar a história dessas mulheres potencializa um (re)pensar para as estruturas que estão postas nos diferentes espaços. Desse modo, nosso olhar partiu do processo de (in)visibilização das heroínas de Tejucupapo, pois configura-se um significativo momento da história do nosso país, devendo ser (re)conhecido e (re)contado nos espaços acadêmicos, nos registros históricos, para que assim não venhamos contribuir com o processo de silenciamento histórico das mulheres nos feitos heróicos do Brasil.

O quadro teórico da Sociologia da Ausência nos permitiu compreender que o episódio protagonizado pelas heroínas de Tejucupapo foi condicionado para um processo de (in)visibilização,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tornando-o ausente nos diversos espaços, de modo que o mesmo não viesse existir. Neste sentido, acreditamos que a história corroborou significativamente nesse processo de (in)visibilização, pois historicamente determinou que histórias eram as mais credíveis de serem contadas.

O estudo exploratório possibilitou conhecer aos poucos registros que (re)montam o caso vivido em Tejucupapo, retirando os elementos essenciais para compreensão do nosso objeto de estudo. Para tanto, percebemos que os mesmos encontram-se arraigados no imaginário popular, mas não na literatura da história. Sendo assim, entendemos que é fundamental trazer as narrativas desses sujeitos que historicamente foram (in)visibilizados, para que assim venhamos romper com todos os artifícios que conotam a negação das mulheres.

VI. Bibliografía

Bezerra, C. (2004). *Tejucupapo: história, teatro, cinema*. Recife: Bagaço.

Blazquez, G. N. (2012). Epistemología feminista: temas centrales. In Graf, N. B., Palacios, F. F., Everardo, M. R. *Investigación Feminista: Epistemología, metodología y representaciones sociales*. México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades : Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias : Facultad de Psicología.

Brandão, M. (2004). Tejucupapo e o registro da insurreição. In C. Bezerra. *Tejucupapo: história, teatro, cinema* (pp.15-42). Recife: Bagaço.

Curiel, O. (2016). Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde america latina y el caribe. Recuperado 10 de maio, 2016 de http://feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf

Gargallo, F. (2007). Feminismo Latino americano. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, v.12, n.28. Recuperado 12 junho, 2016 de http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-37012007000100003

GIL, Antonio Carlos (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). Ed. Atlas.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Harding, S. (1996). *Ciencia y Feminismo*. (Manzano, P., trad.) Madrid: Morata,.

Lage, A. (2013). *Educação e Movimentos Sociais: Caminhos para uma pedagogia de luta*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

Lopes, E. Histoire des Femmes: uma revisão bibliográfica (1990). *Revista Educação e Realidade*, v.15, n.2, 23-32.

Mello, J. (1978). *Tempo dos Flamengos. Influência da Ocupação Holandesa na Vida e na Cultura do Norte do Brasil* (2a ed.). (Coleção Pernambucana. Governo do Estado de Pernambuco). Recife.

Nunes, D. (2011). Pesquisa historiográfica desafios e caminhos. *Revista de Teoria da História*, n.5.

Rago, M. (1995). As mulheres na historiografia brasileira. In Z. Lopes. *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP.

Riquelme, V. H., Romero, L. K.; Obreque, A. A. (2010). El punto de vista de las mujeres: la epistemología feminista. Un acercamiento desde La historia y la política. *Educación y Humanidades*, v. 1, n. Recuperado em 15 maio, 2016 de <https://electivogenero.files.wordpress.com/2011/11/riquelme-y-otros-el-punto-de-vista-de-las-mujeres.pdf>

Santiago, D. (1984). *História da guerra de Pernambuco e feitos memoráveis do mestre de campo João Fernandes Vieira herói digno de eterna memória, primeiro aclamador da guerra*. Recife: FUNDARPE.

Santos, B. S. (2007). *Renovar a teoria critica e reinventar a emancipação social* (M. Benedito. Trad.). São Paulo: Boitempo.

Santos, B. S. (1983). Os Conflitos Urbanos no Recife: O Caso do “Skylab”. *Revista Crítica*, n. 11, pp.9-59.

Santos, B. S. (2013). Para uma sociologia das ausências e das emergências. In B. Sousa. *Conhecimento prudente para uma vida decente: “Um discurso sobre as ciências” revisitado*. Porto: Edições Afrontamento.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Silva, E. (2016). A (in)visibilidade das mulheres no campo científico. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.30, pp.133-148. Recuperado em 10 de junho de http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/30/art09_30.pdf